



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Questões Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social
Sub-eixo: Ênfase na Questão Urbana

PERIFERIA URBANA, RACISMO E PANDEMIA URBAN PERIPHERY, RACISM AND PANDEMIC

ELIZETE MARIA MENEGAT ¹
ANA CLÁUDIA DE JESUS BARRETO ²

RESUMO: O objeto deste estudo é a disseminação da covid-19 nas periferias urbanas, onde se concentra a população negra, com baixos rendimentos monetários, adensamento domiciliar elevado e condições precárias de moradia. Dado o padrão eurocentrista de poder que determina, a partir das características fenotípicas dos indivíduos, quem pode viver e quem deve morrer, são as populações não brancas que vêm sendo deixadas sem trabalho e sem meios de sobrevivência nas favelas e periferias superlotadas das grandes cidades mundiais, sob a mira de todo tipo de catástrofes incluindo pandemias.

Palavras-chave: periferia urbana, racismo, densidade populacional, pandemia.

ABSTRACT: The object of this study is the dissemination of covid-19 in the urban peripheries, where the black population is concentrated, with low monetary income, high household density and poor housing conditions. Given the Eurocentric pattern of power that determines, based on the phenotypic characteristics of individuals, who can live and who must die, it is the non-white populations that have been left without jobs and without means of survival in the overcrowded slums and peripheries of the world's great

1 Professor com formação outra áreas. Universidade Federal De Juiz De Fora

2 Professor com formação em Serviço Social. Universidade Federal Fluminense

cities. , targeted by all types of catastrophes including pandemics.

Keywords: urban peripheries, racism, pandemic.

1.INTRODUÇÃO

A Covid-19 não é a primeira e nem será a última pandemia que a humanidade terá que enfrentar. É bom lembrar, contudo, que cada pandemia eclode num tempo-espaço particular. E todas têm em comum o fato de encontrarem, nas cidades, condições favoráveis para uma rápida disseminação e uma maior letalidade. Neste momento em que o novo coronavírus alastra-se pelo globo, a quantidade e a densidade dos indivíduos que vivem nas cidades são incomparavelmente mais elevadas do que aquelas que existiram no tempo da peste bubônica - na segunda metade do século XIV - ou no tempo da gripe espanhola - entre 1918-1920. Não apenas em números absolutos, mas, também, em números relativos, a população mundial que, hoje, vive em cidades é superior ao número de pessoas que vivem nas zonas rurais.

Ao longo de todo o século XX, especialmente na Europa e nas Américas, amplos contingentes que habitavam o mundo rural foram sendo gradativamente transferidos para o mundo urbano. Essa imensa mobilidade territorial humana foi determinada pela dinâmica de expansão e crise do capitalismo mundial. Em 1920, por exemplo, imediatamente após o fim da I Guerra Mundial, a Europa tinha uma taxa média de urbanização em torno de 25% da população. Isto é, 75% da população europeia, em média, ainda viviam em áreas rurais. Hoje, em 2020, um século depois, a taxa de urbanização europeia é em torno de 87%.

Em 1920, a taxa média de urbanização brasileira era de 17%. Hoje, em 2020, o IBGE estima que 90% da população brasileira – quase a totalidade - vivem em cidades. Acrescente-se a esse fato, que, em torno de 50% deste percentual urbanizado encontra-se, atualmente, concentrado em 28 regiões metropolitanas. E, 23,86% do total da população brasileira encontra-se concentrado em, apenas, 27

idades (IBGE AGÊNCIA NOTÍCIAS, 2019).

Na África e na Ásia, as taxas de urbanização são, atualmente, as mais aceleradas do mundo e já ultrapassam 50%. Segundo a ONU, a taxa média de urbanização mundial é, atualmente, da ordem de 56%. Isto quer dizer que, em números absolutos, cerca de 4 bilhões de habitantes do planeta vivem em cidades.

O relatório Perspectivas Mundiais da Urbanização, da ONU, de 2018, destaca que existem, atualmente, 33 megacidades - que são as aglomerações urbanas que ultrapassam 10 milhões de pessoas - enquanto em 1990 eram apenas dez. Até 2030, esse número deverá chegar a 43 e abrigar 9% da população mundial (ONU, 2018). Além do fato de que a população mundial está caminhando, a passos largos, para a urbanização total, é preciso considerar que parcelas crescentes dos habitantes do planeta vêm sendo comprimidos nas favelas e periferias das metrópoles e megalópoles mundiais.

Foi na megacidade chinesa de Wuhan, com 11 milhões de habitantes, que a Covid-19 teve seu epicentro e disseminou-se pelo planeta com uma velocidade impressionante. No início de janeiro de 2020, o coronavírus estava concentrado na China. No início de fevereiro já havia se disseminado por 129 países. Em poucos dias, confirmava-se que as taxas de óbito se mostravam mais elevadas nas periferias das metrópoles e megacidades, onde se concentram, com grandes densidades, os numerosos contingentes mundiais que sobrevivem com baixa renda. A partir desses gigantescos centros urbanos, com *mega* concentrações humanas, a covid-19 irradiou-se para todas as principais redes de vilas e cidades de todos os continentes.

Não restam dúvidas de que a emergência da Covid-19 está fortemente vinculada ao atual estágio de destruição acelerada dos biomas do planeta. Dada a escalada exponencial de desequilíbrio ambiental desencadeado pela voracidade do consumo de matérias primas para a produção indiscriminada de mercadorias, a ocorrência de pandemias deverá ser cada vez mais frequente e a sua disseminação deverá ser cada vez mais veloz. Soma-se a isso, a aceleração dos processos de expropriação e de urbanização forçada das últimas comunidades rurais do planeta

com o propósito único de atender demandas de valorização dos capitais de megacorporações transnacionais ligadas ao agronegócio, à mineração e ao sistema financeiro.

Tudo leva a crer que o H1N1, em 2009, e o coronavírus, em 2020, abriram um novo tempo de disseminação e devastação humana por pandemias. O tempo da globalização total do modo de produção e de consumo capitalistas e da aceleração veloz do processo de urbanização total dos habitantes do planeta. E, também, o tempo trágico da criação massiva e incontrolável de enormes contingentes de desempregados e desocupados que já não podem encontrar meios de viver nas periferias das cidades. A quarta revolução industrial, com seu novo salto tecnológico e nova rodada de enxugamento da força de trabalho vem criando legiões crescentes de “supérfluos” a este sistema de produção – os “refugados” –, majoritariamente constituídos pelas populações não brancas, que tendem a se concentrar nas favelas, orlas e periferias urbanas com condições cada vez mais precárias de sobrevivência.

A urbanização em massa produziu, até o presente, um padrão mundial de cidades caracterizado pelo crescente abismo espacial, social e étnico racial. Espacialmente, esta configuração étnica e racial da desigualdade ganha maior visibilidade nas cidades dos países periféricos do capitalismo. Em média, pelo menos 60%, dos habitantes das metrópoles e megacidades dos países da África, da Ásia e da América Latina, vivem segregados em favelas e periferias, consideradas, em geral, áreas de ocupação irregular e ilegal (DAVIS, 2006).

Junto com o crescimento do fenômeno das megacidades, a partir da década de 1980, constituíram-se as megafavelas, que são densas concentrações com mais de 500.000.00 moradores, predominantemente formadas por indivíduos estigmatizados por apresentarem traços fenotípicos comuns aos não brancos e o fato de sobreviverem em condições muito difíceis. Em geral, moram em casas precárias, compartilhadas por um grande número de indivíduos e localizadas em ocupações irregulares ou ilegais da terra urbana. Em média, o conjunto dos moradores apresenta baixos rendimentos, elevadas taxas de desemprego,

desocupação e precarização do trabalho. (I ENCONTRO INTERNACIONAL DAS PERIFERIAS, 2017).

Nestes tempos atuais, a substituição generalizada do trabalho vivo pela automação - desencadeada pela 4ª revolução tecnológica em curso – tem sido a principal saída encontrada, pelo capital, para compensar a sua crise de produção de valor. Combinado com a crise da sociedade produtora de mercadorias, o racismo é o principal responsável pelas - cada vez mais densas - concentrações da população não branca nas favelas e periferias, tratada como supérflua ao mundo do trabalho e submetida a situações limites de sobrevivência nas cidades. Em outras palavras, dado o padrão eurocentrista de poder que determina, a partir das características fenotípicas dos indivíduos, quem pode viver e quem deve morrer, são as populações não brancas que vêm sendo deixadas sem trabalho e sem meios de sobrevivência nas favelas e periferias superlotadas das grandes cidades mundiais, sob a mira de todo tipo de catástrofes incluindo pandemias.

2. ABISMO SOCIAL, TERRITORIAL, RACIAL E PANDEMIA

Conforme pesquisadores da UNESP (2020), a população do estado de São Paulo que vive em áreas com as mais elevadas densidades demográficas vem sendo mais atingida pela contaminação e morte por Covid-19. Resultados semelhantes quanto ao papel do tamanho da população e da densidade populacional na disseminação da Covid-19, foram, também, encontrados por Netto et alii (2020). Estes autores realizaram um estudo em todos os municípios brasileiros com população igual ou superior a 100.000 habitantes. Conforme os resultados dessa pesquisa, o tamanho da população e a densidade da população são variáveis que apresentam impactos muito semelhantes sobre o número de casos da Covid-19: “as estimativas indicam que um aumento de 10% na densidade e 10% na população leva a um aumento médio de 19,2% no número de casos confirmados de covid-19” (NETTO et alii, 2020:12). Os autores concluíram que o tamanho e a densidade demográfica têm papel ativo no processo de transmissão do coronavírus¹.

O padrão de disseminação da pandemia foi mais rápido e alcançou maior número de pessoas nas densas regiões metropolitanas brasileiras. O padrão também se aplica para as grandes e densas cidades latino americanas, como demonstraram Galindo e Arroyo (2020). Nesse sentido, também a pesquisa realizada, em New York, pela ANHD (Association for Neighborhood and Housing Development), traz bons indicadores para discutir a forma desigual de contágio e morte por Covid-19 nas áreas de maior densidade populacional dentro das cidades.

Esta pesquisa relacionou densidades demográficas (relação entre o número de habitantes por metro quadrado) e densidades construtivas (relação entre a área construída e a área do terreno). Segundo os seus resultados, a disseminação da Covid-19, em New York, é menor nas regiões do território da cidade onde as densidades construtivas são mais elevadas, pois, nestas que têm predomínio de moradores brancos, de classe média e alta, a densidade populacional é menor. Além de apresentar menor número de indivíduos por domicílio, é preciso considerar que em torno de 20% dos imóveis localizados nas regiões valorizadas – não só em NY, mas em todas as grandes cidades do mundo - são construídos para fins apenas especulativos e, portanto, encontram-se vazios. Este dado concorre para determinar que a densidade populacional, nesses bairros centrais, seja menor do que nos bairros periféricos.

Ainda conforme esta pesquisa, a incidência da pandemia é justamente maior nas periferias de New York, onde se concentra a população negra e latina pobre. Nestas periferias, as densidades populacionais constituem os chamados *overcrowding*, isto é, uma superlotação de indivíduos no interior de uma mesma casa ou apartamento. Além deste fato, as periferias apresentam densidade construtiva menor porque têm uma menor verticalização das construções (EGAN et alii, 2020).

As periferias pobres e negras de New York - bem como as de São Paulo e de outras megacidades - apresentam densidade demográfica elevada o que compromete o isolamento social como medida fundamental para conter a disseminação da pandemia. É importante, também, levar em consideração as

condições físicas das moradias onde ocorrem os adensamentos domiciliares nas periferias. Em geral, apresentam ausência total ou parcial de condições de saneamento, que envolve o abastecimento de água potável, o esgotamento e o recolhimento de lixo. As condições precárias de saneamento concorrem para que os moradores das periferias tenham menores possibilidades de atender os quesitos de higienização demandados para conter a dispersão do coronavírus².

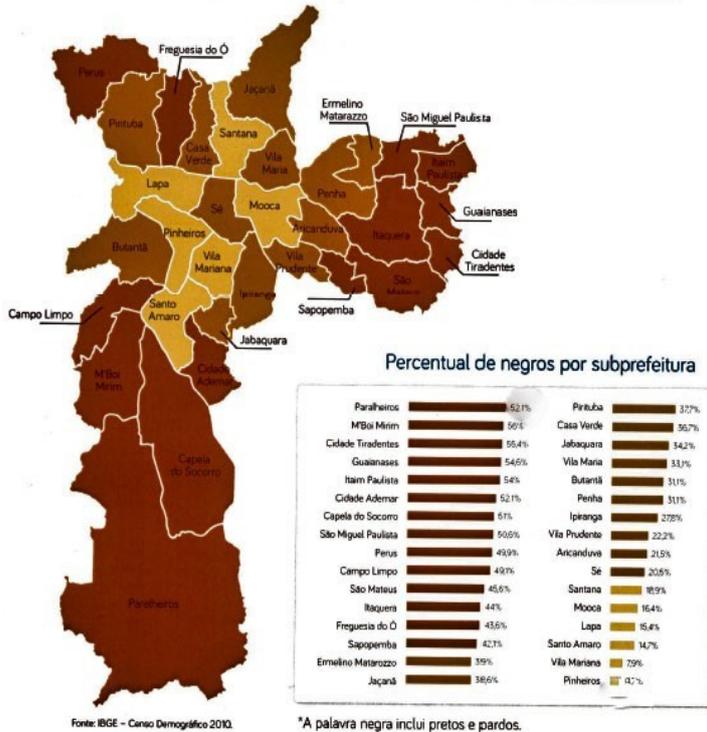
Como veremos a seguir, dentro da megacidade de São Paulo, os dados também informam que as taxas de contaminação e letalidade da Covid-19 tem sido maior nas periferias do que nos bairros central, onde tendem a se concentrar as classes médias e altas brancas. Assim como em New York, é na periferia que se concentra a população negra, com baixo rendimento monetário e elevado adensamento domiciliar em moradias precárias.

Segundo o levantamento da Rede Nossa SP, 32% da população de São Paulo autodeclara-se negra. No entanto, em comunidades periféricas como o Jardim Ângela, na Zona Sul, a concentração da população negra chega a 60%, quase o dobro da média do município. No mapa abaixo, vemos representada, com cores mais fortes, a tendência de concentração dos pretos e pardos nas periferias da cidade de São Paulo, enquanto a população branca encontra-se nas áreas centrais, representadas pelas cores mais claras:

Mapa 1 – Distribuição espacial da população negra no território da cidade de São Paulo

CONCENTRAÇÃO DA POPULAÇÃO

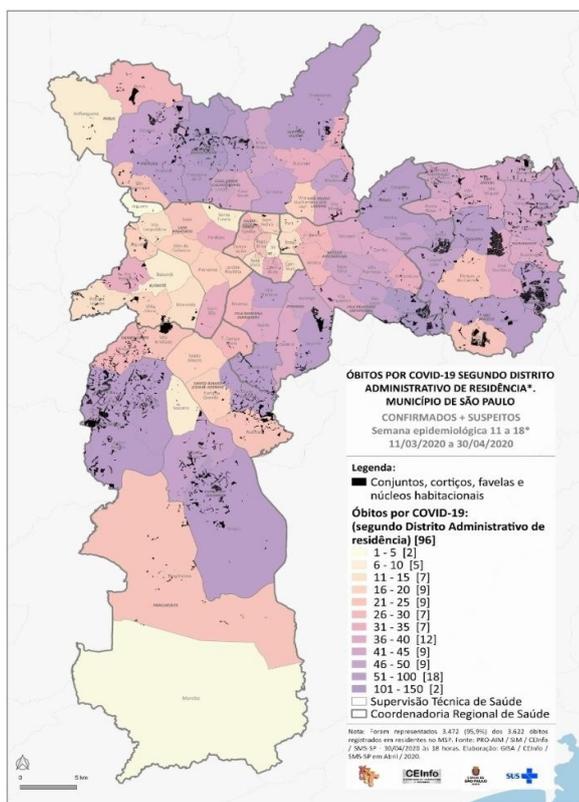
A população negra concentra-se nas periferias da cidade em locais com poucas oportunidades de emprego. Em locais como Parelheiros, a população negra* chega a 57,1%, enquanto em zonas centrais como Pinheiros é de apenas 7,3%.



Fonte: IBGE, Censo 2010

Vamos, agora, observar o mapa 2, abaixo, elaborado com base nos dados da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo. Este mapa informa o número de óbitos, por covid-19, entre os dias 11/03/2020 e 30/04/2020, segundo o distrito administrativo de residência. Os pontos pretos, mais ou menos adensados, representam a intensidade da presença de favelas e moradias precárias. Em gradientes de lilás mais forte, encontram-se representados os distritos que apresentaram, no período indicado, maior número de mortos pela pandemia. Comparando-se o mapa 2 com o mapa 1, anterior, observa-se que os distritos que concentram favelas também concentram maiores percentuais de população preta e parda. O mapa 2 indica que é justamente nessas regiões do território da cidade - que concentram favelas e negros - que ocorre uma maior incidência de número de óbitos por Covid-19. Como se pode observar, o número de óbitos chega a ser até 100 vezes maior nas periferias do que em distritos da área central.

Mapa 2 – Óbitos por Covid-19 segundo o distrito administrativo de residência no município de São Paulo, no período 11/03/2020 a 30/04/2020.



Fonte: Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo, 2020.

A discrepância entre o número de mortos por Covid-19 nas periferias de São Paulo, quando comparado com os bairros centrais, foi registrada, também, pelo levantamento realizado pela Rede Nossa SP, no dia 18/06/2020, a partir do cruzamento de dados da Secretaria Municipal de Saúde e do Mapa da Desigualdade/2019. Considerando apenas o quesito raça/cor, a pesquisa comparou o número de óbitos por Covid-19 das duas comunidades da cidade de São Paulo que apresentam maior número de negros - Jardim Ângela e Grajaú -, com os dois bairros que apresentam menor número de moradores negros – Alto Pinheiros e Moema. No Jardim Ângela, 60% dos moradores são negros e, no Grajaú, 57%. Já em Alto Pinheiros e Moema, o percentual de moradores negros é, respectivamente,

apenas 8% e 6% (REDE NOSSA SP, 2020).

Juntos, o Jardim Ângela, com 240, e o Grajaú, com 267, somaram 507 óbitos, enquanto Pinheiros e Moema, tiveram 110 mortes, no dia 18/06/2020. O número de óbitos foi 5 vezes menor nesses bairros centrais onde se concentra a população branca. Conforme pode ser observado, "os distritos que apresentam os maiores números de mortes também são os que concentram a maioria dos negros. Enquanto os distritos com menos óbitos são, também, os que têm números reduzidos de residentes pretos e pardos" (REDE NOSSA SP, 2020: 6).

Ao agregar o dado sobre favelas, o levantamento da Rede Nossa SP indicou que a pandemia faz mais vítimas nas regiões da cidade onde, além da grande concentração de negros, apresenta percentual elevado de domicílios em favelas, tais como, Jardim Ângela, Grajaú, Tiradentes, Brasilândia, Sacomã e Vila Andrade. Na outra ponta, a pesquisa revelou que os bairros que têm em torno de 90% da população branca e não têm domicílios em favelas, apresentam o mais baixo número de óbitos por Covid-19: São eles: Alto de Pinheiros, Bela Vista, Brás, Cambuci, Consolação, Jardim Paulista, Moema, Perdizes, República, Santa Cecília e Sé (REDE NOSSA SP, 2020).

As condições mais difíceis enfrentadas pela população negra para preservar-se da contaminação pelo coronavírus também são reconhecidas pela médica Denize Ornelas, diretora de comunicação da Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, "uma pessoa negra não consegue fazer o isolamento social quando está doente porque tem uma casa menor, com menos cômodos, um banheiro só e até falta de água. Com isso, uma pessoa infectada traz maior risco de contaminação das pessoas ao redor" (R7.COM:5).

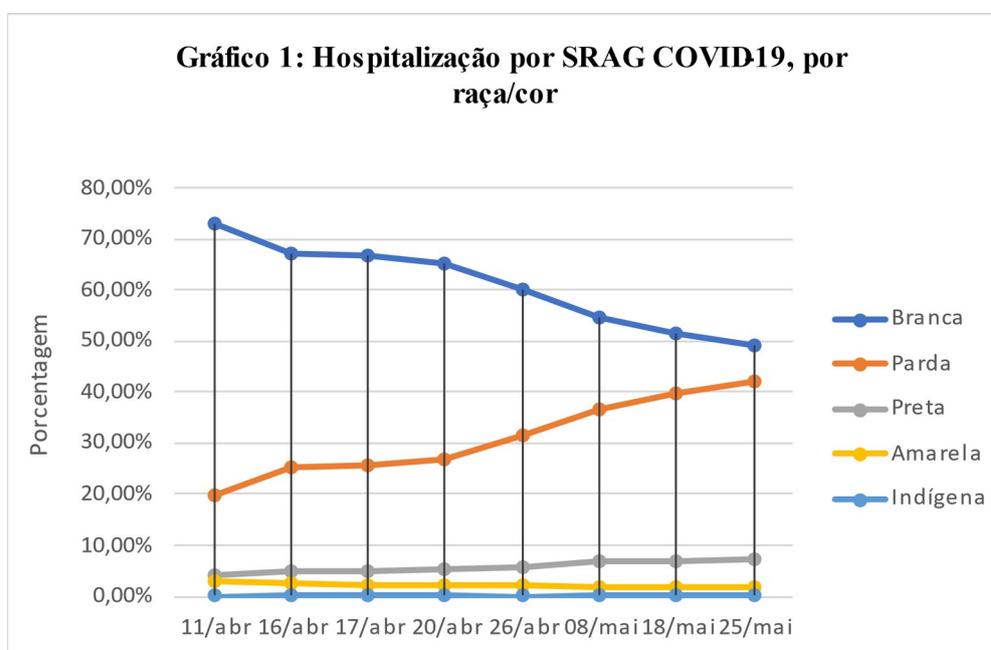
Emanuelle Góes, pesquisadora do Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para a Saúde da Fiocruz acrescenta que a população negra apresenta maior exposição às comorbidades listadas para o grupo de risco, tais como hipertensão, diabetes, obesidade e câncer. E, acima de tudo, continua ela, "o racismo institucional, neste contexto de pandemia, vai agravar a situação das pessoas negras no momento da procura pelos serviços de saúde. A consequência

disso é uma maior taxa de mortalidade para esse grupo racial" (Idem).

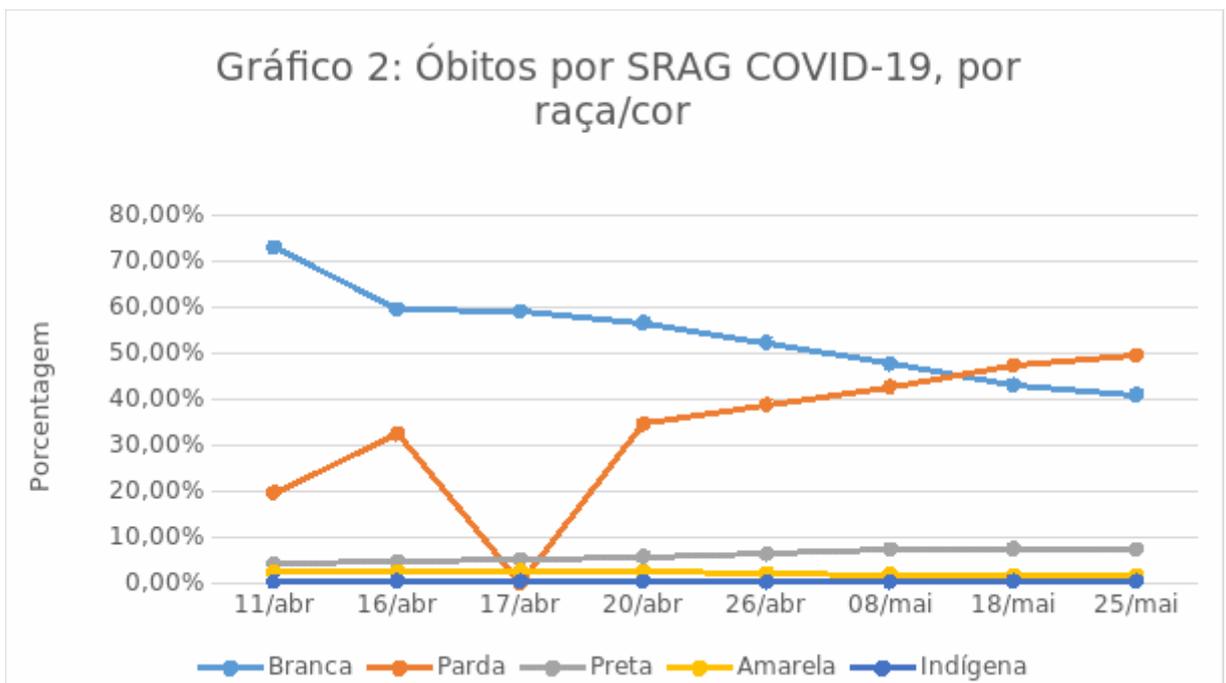
3. RACISMO ESTRUTURAL E PANDEMIA

No dia 28 de abril de 2020 o Brasil superou a China com 85.380 pessoas contaminadas e 5.901 de óbitos, alcançando assim o 10º ranking mundial. Ao ser questionado por esses números o Presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro respondeu: "E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagres" (GARCIA *et alii*, 2020). Demonstrou, desta forma, todo o seu descaso, ausência de empatia e de humanidade. No mesmo dia, o Ministério da Saúde havia publicado G1³ o número de casos confirmados e de óbitos pela covid-19, com o recorte raça/cor. É importante ressaltar que a fala do Presidente da República ocorreu em horário posterior à matéria publicada.

Os dados, coletados entre 10 e 26 de abril de 2020, estão representados no gráfico 1 e 2 abaixo. Observamos que o percentual de hospitalização e óbitos de pretos e pardos cresciam, enquanto diminuía para os brancos, no período indicado.



Fonte: G1 em 27/04/2020, a partir de dados do Ministério da Saúde.



Fonte: G1 em 27/04/2020, a partir de dados do Ministério da Saúde

Os dados do gráfico acima alertavam, naquele estágio da pandemia no Brasil, qual seria o grupo racial que seria mais afetado. Neste sentido, reativou-se a discussão sobre as causas econômicas, sociais, políticas, culturais e ambientais que expõem a população negra aos riscos de maior contaminação e óbito pela Covid-19. No momento atual, os corpos negros tendem a não ser mais considerados funcionais ao sistema de produção de mercadorias. E, nessa qualidade de “refugados”, são depositados nas densas periferias das cidades e expostos ao extermínio físico (BAUMAN, 2005). Os dados epidemiológicos da covid-19 vêm confirmando que as vidas negras no interior desta estrutura social e espacial definitivamente não importam.

Hoje, em pleno século XXI, o Brasil encontra-se entre os 20 países mais desiguais do mundo, ficando em 7º lugar no ranking mundial (PNUD, 2019). Sua população é de 207,6 milhões, a maioria dos brasileiros é negra (50,74%) e os brancos correspondem a 47,73% dos habitantes (IBGE, 2010). A concentração de renda no Brasil é muito alta. Segundo o IBGE, em 2018 a renda dos 10% mais ricos cresceu 13 vezes mais do que a renda dos 40% mais pobres. Resumindo: temos um país onde a maioria da população é negra e cada vez mais a riqueza aumenta e se concentra nas mãos de poucos.

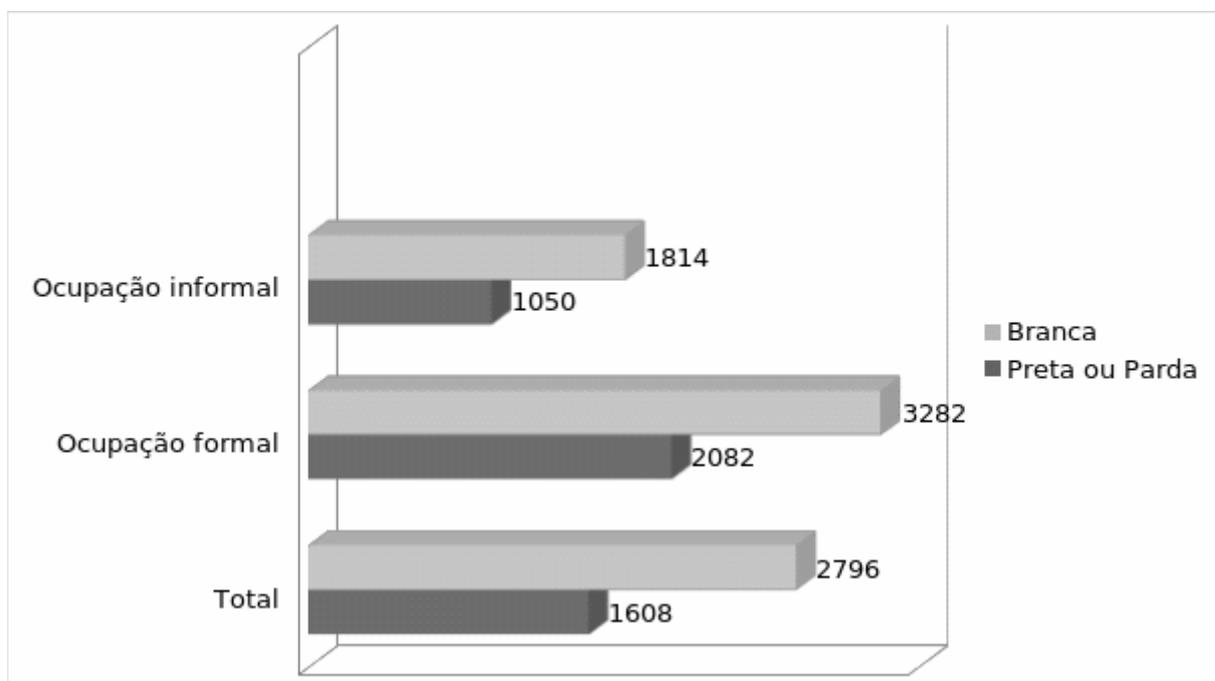
Ao discutir a desigualdade social no Brasil é imprescindível acrescentar o componente racial a fim de correlacionar os determinantes das injustiças sociais e a questão racial. Haja vista que o mito da democracia racial homogeniza a

população com o discurso que não há distinção entre negros e brancos “e o problema racial brasileiro está diluído no oceano das desigualdades sociais em geral”. (PAIXÃO, 2003, p.75).

Contudo, os organismos de pesquisas revelam uma diferenciação nos indicadores sociais entre negros e brancos. Demonstrando, desta forma, que o componente racial é um dos fatores de desigualdade social (Paixão, 2003).

Podemos tomar como exemplo, os indicadores de renda das pessoas ocupadas e os indicadores de desocupação. Conforme o gráfico 2, o rendimento médio mensal das pessoas brancas ocupadas (R\$ 2.796) foi 73,9% superior ao das pretas e pardas (R\$ 1688). Para os objetivos deste trabalho, chamamos a atenção, também, para distribuição racial nos postos de trabalho formal e informal. Enquanto os brancos são majoritários no mercado formal, os negros são majoritários no informal. Nota-se que, até mesmo na ocupação informal, sem carteira assinada e sem direitos trabalhistas, a população branca possui um rendimento acima ao das pessoas pretas e pardas.

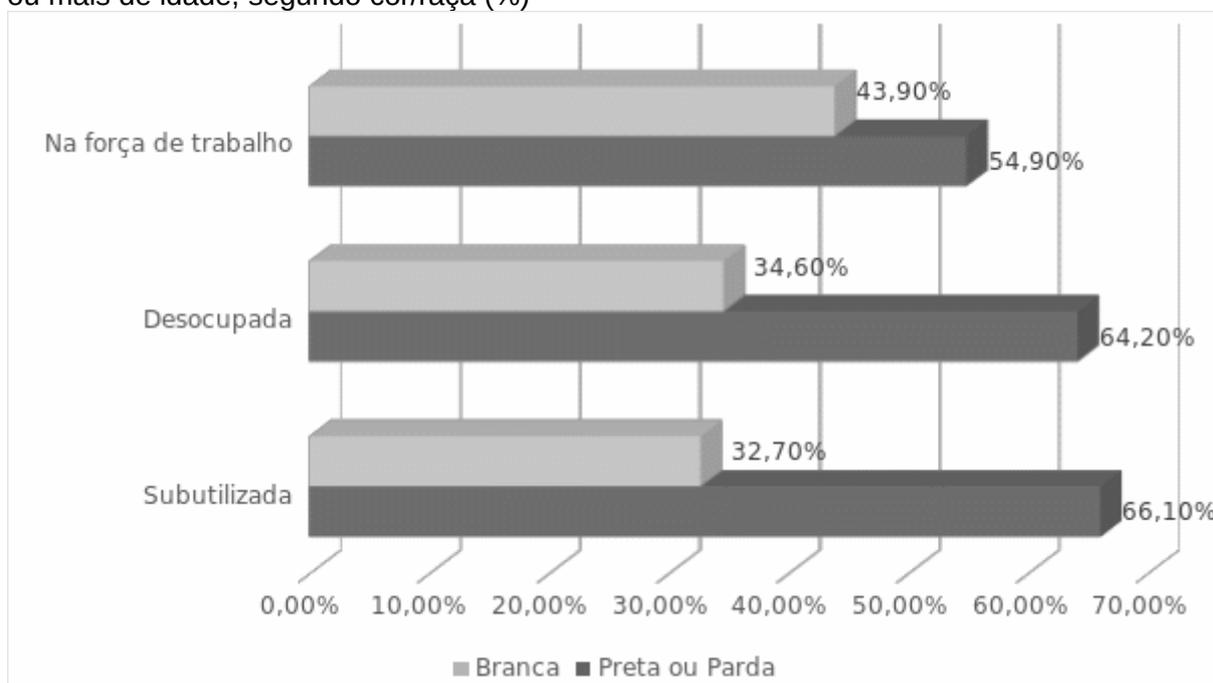
Gráfico 3: Rendimento médio real habitual do trabalho principal das pessoas ocupadas, segundo cor/raça (R\$)



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional Por Amostra Domicílios Contínua, 2018.

O gráfico 3, abaixo, informa que as pessoas pretas e pardas constituem a maior parte da força de trabalho no país. Em 2018, correspondeu a 57,7 milhões de pessoas, 25,2% a mais do que a população branca, que totalizava 46,1 milhões. Contudo, na categoria desocupada e subutilizada a população preta ou parda está substancialmente mais representada. Apesar de ser mais da metade da força de trabalho (54,9%), 2/3 da população negra encontra-se desocupada (64,2%) e, do percentual que está ativo na força de trabalho, 66,1% foi considerada subutilizada, em 2018.

Gráfico 4: População na força de trabalho, desocupada e subutilizada, pessoas de 14 anos ou mais de idade, segundo cor/raça (%)



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional Por Amostra Domicílios Contínua, 2018.

No Brasil, como vimos, a maior parte da força de trabalho é negra, mas é relativamente menos absorvida pelo mercado de trabalho quando comparada, em números, com a população branca. Resta-lhe, então, a “viração” de todo dia como catador de papel e latinhas, flanelinha, vendedor ambulante de água, pipoca, salgados, etc., para sobreviver em meio ao caos da vida urbana. A imagem abaixo fala mais do que mil palavras e é o atestado da condição real e concreta da

população negra no Brasil.

Foto 1 – Trabalhadores ambulantes na Linha Vermelha, Rio de Janeiro



Fonte: <https://exame.abril.com.br/brasil/racismo-e-mercado-de-trabalho-os-desafios-da-populacao-negra-no-brasil/>. Acesso 12 de abr de 2020.

O racismo estrutural reitera-se cotidianamente no mercado de trabalho, nas ruas das cidades, nas penitenciárias, nas instituições públicas e privadas, nas periferias, onde os negros sofrem toda forma de violência e exclusão.

A existência do racismo estrutural implica que existem dimensões como o Estado, o direito, a política, a economia e a subjetividade que funcionam para naturalizar o racismo enquanto forma de racionalidade e de racionalização das relações sociais no capitalismo:

O racismo é relação social, ele é reproduzido dentro de uma lógica social. Essa lógica talvez seja a lógica da reprodução do capitalismo [...]. O racismo no interior das relações que são determinadas pelo capitalismo toma outra forma. O ser homem, o ser mulher, o ser negro ganha uma forma específica dentro das relações sociais que também tem as suas especificidades históricas. (ALMEIDA, 2016).⁴

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo leva a crer que o H1N1, em 2009, e o coronavírus, em 2020, abriram um

novo tempo de disseminação e devastação humana por pandemias. O tempo da globalização total do modo de produção e de consumo capitalistas é, também, o tempo da aceleração veloz do processo de urbanização total dos habitantes do planeta. E, também, o tempo trágico da criação massiva e incontrolável de enormes contingentes de desempregados e desocupados que já não podem mais encontrar meios de viver nas periferias das cidades. A quarta revolução industrial, com seu novo salto tecnológico e nova rodada de enxugamento da força de trabalho, tem sido apresentada como a nova saída desesperada para a crise deste sistema de produção de mercadorias. Consequentemente, legiões crescentes de “supérfluos” a este sistema de produção – os “refugados” –, majoritariamente constituídos pelas populações não brancas, tendem a se concentrar nas orlas e periferias urbanas com condições cada vez mais precárias de sobrevivência.

Combinado com a crise da sociedade produtora de mercadorias, o racismo estrutural é o principal responsável pelas - cada vez mais densas - concentrações da população não branca nas favelas e periferias, tratada como supérflua ao mundo do trabalho e submetida a situações-limites de sobrevivência nas cidades.

Em outras palavras, dado o padrão eurocentrista de poder que determina, a partir das características fenotípicas dos indivíduos, quem pode viver e quem deve morrer, são as populações não brancas que vêm sendo deixadas sem trabalho e sem meios de sobrevivência nas favelas e periferias superlotadas das grandes cidades mundiais, sob a mira de todo tipo de catástrofes incluindo pandemias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro: Polén, 2019

BARRETO, Ana Cláudia de Jesus. (2010) *A desordem negra na ordem branca: Kalabari, Calabar e a releitura contemporânea dos quilombos*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro:Zahar, 2005.

DAVIS, M. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.

EGAN, Z. *et alii*. *Covid-19 and housing precarity*. ANHD - Association for neighborhood and housing development. Maio, 2020. Disponível em: <<https://medium.com/resilience/covid-19-and-housing-precarity-from-systemic-failure-towards-a-just-recovery-4083b48535a5>>. Acesso em 31/05/2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. Metade de São Paulo mora em habitação irregular, 4 jun, 2000. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0406200001.htm>>. Acesso em 20/07/2018.

GALINDO, J. e ARROYO, L. Os mapas da pandemia revelam as desigualdades na América Latina. *Jornal El País-Brasil*, 4 ago., 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-08-04/os-mapas-da-pandemia-revelam-as-desigualdades-na-america-latina.html>>. Acesso em 04/08/2020.

GARCIA *et alii*. “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?” diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus no Brasil. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 28 abr., 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>>. Acesso em 28/04/2020.

GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*, volume 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

IBGE. *Desigualdades por cor e raça no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, pg. 1-12, 2019. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101681>> Acesso em 04 de jun 2020.

IBGE AGÊNCIA NOTÍCIAS. *IBGE divulga as estimativas da população para 2019*. 28 ago., 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25278-ibge-divulga-as-estimativas-da-populacao-dos-municipios-para-2019#:~:text=As>>. Acesso em 24/06/2020.

I ENCONTRO INTERNACIONAL DAS PERIFERIAS. Carta da Maré - *Manifesto das periferias: o lugar das periferias na cidade*, 2017. Disponível em: <<http://imja.org.br/pt-br/wp-content/uploads/2018/05/CARTA-MANIFESTO-PORTUGUES.pdf>>. Acesso em 12/06/18.

IPEA. *Vidas perdidas e racismo no Brasil*. Notas Técnicas. Brasília, nº 10, p.1-25, nov, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5977/1/NT_n10_vidas.pdf>. Acesso em 04 de jun de 2020.

KURZ, Robert. Seres humanos não rentáveis: Ensaio sobre a relação entre história da modernização, crise e darwinismo social neoliberal. Disponível em:

<http://obeco.planetaclix.pt/>

NETTO, V. M. *et alii*. As cidades na pandemia: o papel do tamanho e da densidade urbana. *Caos Planejado*, 16 jun., 2020. Disponível em: <https://caosplanejado.com/as-cidades-na-pandemia-o-papel-do-tamanho-e-da-densidade-urbana/>.

ONU NEWS. ONU celebra dia mundial das cidades realçando o papel das comunidades contra a covid-19. 31, out., 2020. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/10/1731252#:~:text=Segundo%20Guterres%2C%20as%20%C3%A1reas%20urbanas,futuros%20surtos%20de%20doen%C3%A7as%20infecciosas.%E2%80%9D>> Acesso em 31/10/2020.

PAIXÃO, Marcelo J.P. *Desenvolvimento Humano e relações raciais*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PÔRTO, Ângela. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. *SciELO*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1019-27, out-dez. 2006.

R7.COM. *Risco de morte de negros por covid 19 é 62% maior do que em brancos*, 05 maio, 2020. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/risco-de-morte-de-negros-por-covid-19-e-62-maior-do-que-em-brancos-05052020>>. Acesso em 05/05/2020.

REDE NOSSA SÃO PAULO. Especial Pandemia, 24 jun., 2020. Disponível em: <<https://www.nossasaopaulo.org.br/2020/06/24/edicao-extraordinaria-do-mapa-da-desigualdade-indica-o-endereco-como-fator-de-risco-na-pan/>>. Acesso em 24/06/2020.

SOUSA, Jorge Luiz Prata de. Tráfico e escravidão: cuidar da saúde e da doença dos africanos escravizados. *Revista Almanack*, Guarulhos, n. 22, p. 153-206, ago. 2019.

UN. World urbanization prospects, 2018. Disponível em: <<https://population.un.org/wup/>>. Acesso em: 22/08/19.

UNESP. Estudo da UNESP detalha rota de dispersão da covid-19 em SP, 8 abr., 2020. Disponível em: <<https://www2.unesp.br/porta#!/noticia/35670/estudo-da-unesp-detalha-rotas-de-dispersao-da-covid-19-em-sp>>. Acesso em 12/07/2020.

VILLAR, André. Pesadelo high tech: a quarta revolução industrial e o fim do mundo que conhecemos. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/3156-9843-1-PB.pdf>

NOTAS

,

- 1 Os autores consideraram os dados sobre contágio e letalidade da covid-19, nos meses de março a junho de 2020, em 291 municípios brasileiros com população acima de 100 mil. As densidades urbanas foram calculadas a partir de dados e imagens de satélite fornecidos pelo IBGE. Ver Netto *et alii* (2020).
- 2 No Brasil, de acordo com o Instituto Trata Brasil, há 35 milhões sem acesso à rede de água potável e 95 milhões sem coleta de esgoto. Ver <<http://www.tratabrasil.org.br/>>. Acesso em 12/09/2020.
- 3 Ver <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/28/cresce-percentual-de-pretos-e-de-pardos-entre-internados-e-mortos-por-covid-19-apontam-dados-do-ministerio.ghtml>>. Acesso em 28 abr de 2020.
- 4 Conferência do professor Sílvio Luiz de Almeida, promovida pelo Instituto de Estudos Latino-Americanos, em 30 de junho de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pyn40G76kBI>>. Acesso em 25 de mai de 2020.